



CMUHE039633

FARJALLAT, Célia Siqueira. *Finados*. Correio Popular, Campinas, 31 out. 2002.

## Finados

*"Dia de Finados. Acordo/ vou ao cemitério/ dialogar com os mortos./ Certamente, não sabiam/ que mesmo depois de mortos/ mais uma vez morreriam de vergonha e humilhação". (Affonso Romano de Sant'Ana)*

*Eles apenas nos precederam de alguns séculos ou meses. Como nós, também, sonharam e lutaram. São legiões e legiões. As mais antigas já se diluíram em pó, ou se petrificaram nos sambaquis, de onde os cientistas os retiram e levam aos museus. Raros conservaram a mesma fisionomia, como aqueles marinheiro tão jovem, que os gelos do Ártico conservaram, durante um século e meio.*

*Sim, eles formam legiões de criaturas de épocas, raças e costumes diferentes, uns nobres, outros plebeus, ricos uns, miseráveis outros, todos iguados pela lei inflexível, que nos rege: a morte.*

*Costumam ser lembrados entre solenidades, preces e lágrimas. Têm sua data: Finados. Dia que se vai desfigurando, porque os vivos, que se julgam eternos, deram para usar o 2 de novembro para esticadas estadias nas praias e estações de águas.*

*Penso em meus mortos. São tantos! Avós, pais, irmãos, sobrinhos, tios, primos, colegas, amigos, alguns tão moços, tão queridos, deixando lembranças, cartas, sons. Meus mortos são amigos. Revejo-os em sonhos. Cumpriram sua sina, suportaram dores e, um dia, suavemente, partiram.*

*De alguns ainda guardo a fisionomia no fundo da memória. Uns ainda me parecem alegres, outros pensativos, tristes. Agora, tenho-os juntos, envoltos na mesma saudade, aguardando-me. Eu lhes digo apenas: "Esperem um pouco mais; terminado o meu tempo, irei ter com vocês, e teremos juntos a eternidade para sempre". Acho que carregamos nossos mortos em nossa caminhada. Por isso, disse Carlos Drummond de Andrade: "Ando um pouco de banda. Creio que carrego meus mortos comigo".*

*Pode haver poesia na morte? Pode, sim. O poeta Jorge L. Borges exprimiu estes sentimentos assim: "Há um verso de Verlaine, que nunca voltarei a recordar./ Há uma rua, próxima, que está vedada aos meus passos./ Há um espelho, que refletiu minha imagem pela última vez./ Há uma porta que fechei até o fim do mundo./ Entre os livros de minha biblioteca, eu os vejo./ Há alguns livros que jamais abrirei de novo./ Neste verão, farei 80 anos/ A morte me desgasta incessante..."*

*E creio que um dos mais belos poemas seja aquele, escrito em língua inglesa pelo oficial-médico John Mc Crae, numa página, durante a Primeira Guerra Mundial. O seu poema, In Flandres Fields, isto é Nos Campos de Flandres, diz: "Nos Campos de Flandres crescem as papoulas/ Entre as cruzes, que fila a fila,/ Marcam o nosso lugar;/ E no céu as cotovias voam./ Ainda cantando corajosamente/ Mal se ouvindo entre os canhões em terra./ Estamos mortos. Há poucos dias ainda vivíamos, sentindo o amanhecer, víamos a luz do sol./ Amávamos e éramos amados/ Agora, jazemos nos Campos de Flandres. // Continuai a nossa luta com o inimigo/ Para nós, de mão moribundas arremessamos o facho/ Empunhai-o, e erguei-o bem alto.../ Se fordes desleais para nós, que morremos / Nós não dormiremos, embora cresçam papoulas/ Nos campos de Flandres".*

Célia Siqueira Farjallat, cronista do Correio, escreve nesta página às segundas, quartas, quintas e sextas